

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura**

Período de Análise: 01 a 31 de Março de 2008

Área Temática: PAA - SAN

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

Ministro Patrus Ananias reafirma compromisso do Brasil na luta contra a fome e a desnutrição no mundo – Sítio Eletrônico Do MDS – 03/03/2008.....	4
Bife, feijão, batata frita e inflação – Vinicius Torres Freitas – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/03/2008.....	5
Brasília sedia Seminário sobre Segurança Alimentar e Nutricional – Sítio Eletrônico do MDS – 04/03/2008	6
MDS e FAO discutem cooperação internacional na área de segurança alimentar – Sítio Eletrônico do MDS – 04/03/2008	8
IPC-S tem variação zero com recuo de alimentação - Cibelle Bouças – Valor Econômico – Brasil - 04/03/2008	8
Anvisa amplia o cerco – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 04/03/2008	10
Segurança alimentar no âmbito da assistência técnica – Sítio Eletrônico do MDA – 05/03/2008.....	10
A difícil vida em um mundo de commodities caras - Martin Wolf – Valor Econômico – Agronegócios - 05/03/2008	11
Alimentos ajudam e inflação cai para 0,19% - Francisco Carlos de Assis – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 06/03/2008.....	13
Alimentos caem e deixam inflação perto do zero - Alessandra Saraiva e Marcelo Rehder – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 11/03/2008	14
Calor pode deixar comida menos nutritiva – O Globo – Ciência – 11/03/2008	16
Incra/AP e Conab discutem PAA em assentamentos – Sítio Eletrônico do MDA – 12/03/2008.....	16
Racionamento à vista – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 12/03/2008	17
Segunda Quinzena	
Iogurtes, sucos, cremes. É a nova 'cesta básica' - Vera Dantas – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/03/2008.....	17
A nova cara da fome no mundo - Ban Ki-moon – Valor Econômico – Opinião - 20/03/2008.....	21

Agrocombustível ameaça segurança alimentar – Sítio Eletrônico do MST – 24/03/2008	23
ONU alerta para falta de alimentos - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/03/2008.....	23
Etanol de milho pode causar fome mundial, diz Nestlé - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/03/2008.....	25
IPCA-15 recua com pressão menor de alimentos e escolas - Jacqueline Farid, Francisco Carlos de Assis e Flávio Leonel – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 27/03/2008	25

Ministro Patrus Ananias reafirma compromisso do Brasil na luta contra a fome e a desnutrição no mundo – Sítio Eletrônico Do MDS – 03/03/2008

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome participa de evento da ONU sobre nutrição no Vietnã

“As regiões e pessoas mais pobres precisam de mais investimentos, com integração das políticas sociais. Reafirmo o compromisso do governo brasileiro em contribuir para o esforço de redução da fome e da desnutrição no mundo porque este é um desafio a ser vencido por toda a humanidade, o que somente será possível com a cooperação e o compromisso solidário de governos, organismos multilaterais e atores da sociedade civil internacional”. Com estas palavras, o ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias, fez a palestra de abertura da 35ª. Sessão do Comitê Permanente de Nutrição (SCN) da Organização das Nações Unidas (ONU), que começou nesta segunda-feira (03/03) em Hanói, Vietnã. O evento reúne 430 participantes de 54 países para discutir desnutrição materno-infantil até a próxima quinta-feira (06).

O ministro proferiu a palestra “Acelerando a redução da desnutrição materna e infantil”. Participaram da abertura a presidente do SCN, Ann Veneman, o vice-primeiro ministro permanente do Vietnã, Nguyen Sinh Hung (segundo na linha hierárquica de chefe de governo), e o representante da Organização Mundial de Saúde (OMS) no país, Jean Marc Olive.

Na cerimônia, o vice-primeiro ministro Nguyen Hung afirmou que o evento é uma grande oportunidade de intercâmbio de experiência entre os países e reforçou a importância de cooperação entre governos, agências e organismos internacionais. Ann Veneman destacou a atuação do Vietnã, que com 9 anos de antecedência cumpriu a meta do milênio de reduzir a mortalidade infantil e também conseguiu aumentar o aleitamento materno. “1,3 milhões de vidas poderiam ser salvas se houvesse aleitamento materno universal”, afirmou a dirigente do SCN.

Brasil – “O investimento na primeira infância e ainda durante a gestação constitui a maior e melhor maneira para reduzir as iniquidades, enfrentar a pobreza e construir uma sociedade com condições sociais e ambientais sustentáveis”, lembrou o ministro Patrus em sua palestra. Ele explicou como a estratégia do Fome Zero, que articula programas de 11 ministérios, tem melhorado as condições de vida de milhares de brasileiros. Um exemplo é o Bolsa Família, que beneficia hoje 11 milhões de famílias: “Pesquisas mostram que o Bolsa Família tem contribuído para a segurança alimentar e nutricional das famílias e, em particular, de suas crianças. Uma delas apontou que 93% das crianças e 82 % dos adultos beneficiários fazem 3 ou mais refeições por dia”, afirmou o ministro.

O governo federal tem diversas ações que estão melhorando os indicadores nutricionais de gestantes e crianças. A mortalidade infantil caiu de 47 por mil, em 1990, para 25 por mil, em 2006 – uma queda de 45%. Além disso, a desnutrição medida por peso por idade das crianças com menos de 1 ano diminuiu de 10%, em 1999, para 2,4%, em 2006. Entre as crianças de 1 a 2 anos de idade, a desnutrição caiu de 20% para 5%. Ou seja, a queda da desnutrição nas duas faixas etárias foi superior a 75% em sete anos.

“Não haverá paz e justiça no mundo enquanto cerca de 800 milhões de pessoas continuarem na miséria e na fome. Estou convicto de que terminaremos esse encontro com

estratégias definidas para implementar em larga escala as intervenções necessárias para reduzir a desnutrição materna e infantil. E que assim daremos passos importantes no caminho em direção a um mundo mais justo e solidário”, finalizou o ministro.

Vietnã - O ministro Patrus também manterá encontros bilaterais com o governo vietnamita, a exemplo do ministro das Relações Exteriores, embaixador Celso Amorim, que esteve no país nos dias 26 e 27 de fevereiro acompanhado de uma missão de empresários. As relações entre os dois países, estabelecidas em 1989, vêm ganhando impulso nos últimos anos, com a intensificação de visitas de alto nível e incremento de intercâmbio - o comércio bilateral multiplicou sete vezes entre 2003 e 2007, passando de US\$ 47 milhões para US\$ 323 milhões. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve visitar o Vietnã em julho.

No ano passado, o MDS recebeu uma missão do Vietnã que veio conhecer a experiência brasileira no combate à fome e à pobreza. O país asiático possui um Plano de Desenvolvimento Socioeconômico até 2010 que inclui a implementação de um programa nacional de eliminação da fome, redução da pobreza e criação de empregos e desenvolvimento de uma rede de bem-estar social.

Bife, feijão, batata frita e inflação – Vinicius Torres Freitas – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/03/2008

O PREÇO DA COMIDA caiu pela primeira vez depois de mais ou menos um semestre de carestia feia, segundo os dados de fevereiro do Dieese para os alimentos da cesta básica, divulgados ontem. O instituto sindical de estatísticas não divulga uma inflação média da cesta de 13 produtos nas 16 capitais que pesquisa. Mas, nas 12 cidades que também são pesquisadas pelo IBGE para elaborar seu IPCA, a inflação da cesta básica caiu em 9. Na pesquisa do IBGE, essas nove cidades correspondem às regiões metropolitanas que têm peso de 83% no IPCA, o índice oficial de inflação.

Antes que especialistas gritem, ressalte-se que não são imediatamente comparáveis as variações de preço pesquisadas por IBGE e Dieese, nem regiões geográficas nem os métodos de coleta e análise de dados são os mesmos. Mas há correlação relevante entre as variações de preços de produtos da cesta de cada índice de preços. Prévias do IPCA e índices da FGV também indicam tendências semelhantes para a inflação da comida, que tirou o IPCA de sua trajetória de estabilidade em 2007.

Os preços dos produtos que mais prejudicaram o orçamento popular estão subindo bem menos, caindo ou variando de maneira menos dramática. Em São Paulo, na medida do Dieese, o feijão vinha de alta mensal de 11%, 20% e 34% no último trimestre de 2007. Subiu mais 19% em janeiro. Em fevereiro, acalmou-se, porém numa alta ainda forte de uns 6%. Carne e batata caíram no bimestre. O Dieese dá estabilidade no leite, embora todos os índices mostrem queda desde o final de 2007.

Ainda assim, em um ano a cesta básica subiu quase 22% em São Paulo, 15% no Rio, 11% em BH e 16% em Porto Alegre. Os preços estão amargos, o poder de compra do salário caiu, mas a inflação da comida está menor. Tende a cair também no índice geral se

estiver correta a tese de que o pulo de meados de 2007 para cá se deveu principalmente a choques negativos de oferta em meia dúzia de alimentos in natura. Isto é, os preços haviam subido devido ao tempo ruim e a reduções temporárias de áreas plantadas de certas culturas e de rebanhos. O preço médio dos produtos industriais está subindo, mas devagar.

A incerteza maior parece advir do ritmo ainda muito forte da atividade econômica e dos inefáveis serviços. Mais adiante no semestre, no risco das safras. Câmbio é sempre uma incógnita, dúvida multiplicada pelas indas e vindas das expectativas sobre a crise americana. Mas o dólar está em baixa histórica e, sem alterações maiores no cenário, terá influência de neutra a positiva sobre a inflação, mesmo no caso do preço de commodities agrícolas negociadas no mercado global, que estão em fase agitada de mania.

O mar ainda não está para peixe nem para carnes, massas e farinhas, cujo preço depende de grãos cada vez mais caros. A crise americana ainda não desabrochou de todo e o ano mal começa. Não se sabe ainda se a novidade inflacionária do ano, depois da comida, virá de produtos industriais, por ora bem comportados. Mas arrefeceu a tendência altista de preços que parecia se configurar no final de 2007. Pode ocorrer, pois, a novidade de dois anos de PIB forte, inflação na meta e juro no nível mais baixo da história.
[*vinit@uol.com.br](mailto:vinit@uol.com.br)

Brasília sedia Seminário sobre Segurança Alimentar e Nutricional – Sítio Eletrônico do MDS – 04/03/2008

Onaur Ruano, secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

O secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Onaur Ruano, será um dos participantes

Nesta quarta-feira (05/03), a partir das 14h, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) promove, em Brasília (DF), o Seminário sobre Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) no Âmbito da Assistência Técnica e Extensão Rural. O evento, que acontece no Auditório Alberto Passos Guimarães, no Setor Bancário Norte da capital federal, contará com a participação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), representado pelo secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, Onaur Ruano.

Na programação, estão previstas palestras do secretário de Agricultura Familiar do MDA, Adoniran Sanches (SAN como eixo norteador das políticas da secretaria); da nutricionista da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e representante do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Regina Miranda (SAN no Planejamento e Prática de Assistência Técnica e Extensão Rural); e do presidente do Consea, Renato Maluf (SAN no Brasil: desafios da agricultura familiar).

O evento será encerrado às 18 horas após perguntas, esclarecimentos e debates com os palestrantes. *Adriana Scorza

MDS e FAO discutem cooperação internacional na área de segurança alimentar – Sítio Eletrônico do MDS – 04/03/2008

Em reunião com Arlete Sampaio, ministra interina do MDS, equipe da FAO sugere que o Brasil participe de cooperação com países do Hemisfério Sul na área de segurança alimentar

A ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Arlete Sampaio, reuniu-se nesta terça-feira (04/03) com representantes da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Entre os assuntos tratados com a delegação, a possibilidade de que o Brasil participe de um projeto de cooperação na área de segurança alimentar e nutricional com países da América Latina e África. Participaram do encontro o economista da Divisão de Agricultura e Desenvolvimento Econômico da entidade e oficial encarregado dos projetos no Brasil, Frank Mischler; o assistente do Representante da FAO no Brasil, Gustavo Chianca; e o consultor em Direito Humano à Alimentação Pedro Ferreira Cavalcante.

A intenção da FAO é repetir os bons resultados dos programas sociais em áreas como saúde e agricultura. “O Brasil se tornou um exemplo em programas sociais para os países tropicais e em desenvolvimento”, elogiou Chianca durante o encontro.

O MDS já realiza trabalhos de cooperação com nações africanas e no âmbito do Mercosul Social. “Para nós, é muito importante difundir a cultura do direito humano à alimentação” disse Arlete Sampaio.

A chefe de gabinete do ministro, Adriana Aranha, que também esteve no encontro, destacou parcerias já firmadas com países como Gana, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, apoiadas por outras instituições da cooperação internacional. Além de Adriana, o MDS estava representado pelo secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, Onaur Ruano, e pelo diretor de Projetos, Valdomiro Sousa. Satisfeita com a aproximação, Arlete sugeriu uma reunião de trabalho entre as equipes da Sesan e da Diretoria de Projetos para cuidar do início dos trabalhos. **Ismália Afonso*

IPC-S tem variação zero com recuo de alimentação - Cibelle Bouças – Valor Econômico – Brasil - 04/03/2008

Os preços dos alimentos caíram no varejo na última semana de fevereiro, contribuindo para uma desaceleração mais significativa na inflação paulista e nos preços da cesta básica em 16 capitais. O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) apurado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) encerrou fevereiro com variação zero, ante uma alta de 0,23% na semana anterior. O índice foi o mais baixo desde julho de 2006.

O resultado deveu-se, sobretudo, à desaceleração mais rápida nos preços da cesta de alimentação, que apresentou queda de 0,38%, ante uma variação positiva de 0,11% na semana anterior. Para Zeina Latif, economista-chefe do ABN Amro Real, a desaceleração do índice ajuda a reduzir os temores de pressão inflacionária no curto prazo. Ela projeta para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPC-A) de fevereiro alta de 0,44% - a previsão anterior era de 0,5%. "Esse resultado traz um alívio, mas ainda há uma

preocupação muito grande sobre o impacto que a atividade econômica trará para a inflação no ano", afirma.



Analistas consultados pelo Banco Central na semana passada elevaram a estimativa de inflação de 2008 de 4,4% para 4,41%. A 'gordura', segundo Zeina, deve-se à preocupação de aumento nos preços de serviços. "Essa preocupação só deixará de existir se os dados da indústria mostrarem redução no nível de uso da capacidade instalada."

A MB Associados trabalha com projeção de 0,4% para o IPCA, ou pouco abaixo, de acordo com Sergio Vale, economista chefe da consultoria. "A queda de alimentos se acelerou e até março deve se manter em queda, principalmente com a redução nos preços do feijão e da carne bovina. Mas o nível de atividade de fato pode trazer alguma turbulência aos preços", avalia.

Paulo Picchetti, coordenador da pesquisa do IPC na FGV, observou que janeiro foi o único período a apresentar repique de preços nos últimos cinco meses e por conta de fatores sazonais (alta em alguns alimentos e reajuste da cesta de educação). O núcleo da inflação passou de 0,24% em outubro, para 0,25% em novembro e em dezembro e 0,36% no mês de janeiro. Em fevereiro o núcleo - calculado a partir da exclusão dos itens que tiveram as oscilações mais expressivas - ficou em 0,15%. "Daqui em diante a inflação não será tão ruim como em janeiro, mas também não será tão boa como no mês passado", observou Picchetti. A tendência para o índice IPC, segundo ele, é que o patamar se mantenha por volta de 0,3%, o que garantiria um índice fechado no ano por volta de 4%, ainda abaixo da meta.

Na última semana de fevereiro, houve queda na cesta de alimentação e de vestuário (0,32%), fruto das liquidações feitas pelo varejo para findar os estoques de produtos da coleção de verão. Picchetti também observou que, apesar do reajuste nos preços da tarifa do metrô, a cesta de transportes desacelerou, de 0,16% para 0,12%. A razão foi a queda nos preços da gasolina de 0,9% na semana.

Para Fabio Silveira, sócio-diretor da RC Consultores, a cesta de combustíveis poderá ter um revés nas próximas semanas, dado que o fim da safra de cana-de-açúcar e a alta nos preços internacionais do açúcar já estão colaborando para a elevação nos preços do álcool.

O levantamento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) aponta alta de 6,08% no país na semana passada, sendo vendido nos postos de

gasolina em média a R\$ 1,552 o litro. A gasolina, por conta da mistura de 25% de álcool, também subiu 1,6% na semana, para R\$ 2,534 por litro. "Esse aumento não é tão importante. Se o petróleo continuar subindo no mercado internacional, pode haver reajuste da commodity e seus derivados no mercado interno", afirma Silveira.

Silveira acredita que os preços de alimentos também poderão registrar repiques, por conta das oscilações nas bolsas internacionais. Em fevereiro, 16 capitais registraram recuo nos preços de alimentos, fator que permitiu a queda no preço da cesta básica em 11 cidades pesquisadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Houve queda em Brasília (0,22%), Vitória (0,32%), Curitiba (0,64%), Belém (0,72%), Rio de Janeiro (1,16%), Florianópolis (1,24%), São Paulo (1,26%), Aracaju (1,97%), Salvador (3,03%), Belo Horizonte (4,78%) e Goiânia (5,16%).

Anvisa amplia o cerco – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 04/03/2008

O Programa de Análise de Resíduos Agrotóxicos em Alimentos (Para), desenvolvido pela Anvisa, vai passar a acompanhar oito novas culturas, a partir deste ano. Os produtos selecionados são: abacaxi, arroz, cebola, feijão, manga, pimentão, repolho e uva.

Segurança alimentar no âmbito da assistência técnica – Sítio Eletrônico do MDA – 05/03/2008

A relação entre os grandes temas da Segurança Alimentar e Nutricional e da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) foi o centro do debate realizado nesta quarta-feira (5), em Brasília, durante o seminário promovido pela Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), em parceria com o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Para o secretário da Agricultura Familiar, Adoniram Peraci, que foi um dos palestrantes do evento, “esta relação entre os dois temas é inédita entre os entes públicos, no que se refere à percepção sobre a necessidade de articulação política dos diferentes atores”.

O objetivo do seminário foi discutir e entender de que forma o conjunto de políticas públicas voltadas à questão da segurança alimentar e nutricional vem sendo levado aos agricultores familiares, a partir do trabalho da Assistência Técnica e Extensão Rural.

Para o secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Onaur Ruano, também palestrante no evento, existe um conjunto de experiências que foram sendo lapidadas durante o processo de construção dessas políticas. Por isso, seria possível afirmar hoje que o combate à pobreza rural e a segurança alimentar e nutricional são dois temas que caminham juntos.

Segundo Ruano, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), hoje executado pelo MDA e pelo MDS, com apoio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), é um exemplo de ação capaz de dialogar com todos os entes federativos, conselhos e organizações da sociedade. “O PAA se presta a combater a pobreza rural ao mesmo tempo em que garante a segurança alimentar no campo e na cidade”, afirma Ruano.

Importância do tema - Além de representantes do MDA, MDS, Conab e Consea, o seminário, organizado pela Coordenação de Formação do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural da SAF, contou com a presença de representantes dos Ministérios do Planejamento e do Meio Ambiente, da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa), de organizações sociais como os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAS), além de estudantes acadêmicos de Nutrição e Ciências Naturais.

Segundo a representante do CEFFAS no evento, Marcialene Preisler, o conteúdo apresentado no seminário contribui para estimular ainda mais as discussões sobre segurança alimentar e ATER, dentro do processo de formação promovido entre os agricultores familiares atendidos pela entidade.

Para o coordenador de Formação do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (DATER), Francisco Caporal, o encontro cumpriu com o objetivo de promover um nivelamento conceitual dos principais temas tratados pela Política Nacional de ATER (PNATER). “Nós queríamos iniciar este nivelamento a partir deste tema que hoje é de grande relevância para nós”, avalia o coordenador.

Quatro eixos - A questão da segurança alimentar faz parte dos quatro eixos que norteiam as políticas e os programas da SAF/MDA, juntamente com o combate à pobreza rural, a sustentabilidade dos sistemas de produção e a geração de renda e agregação de valor. Segundo o secretário Adoniram Peraci, esses eixos fundamentam a Política Nacional de ATER, o que, para ele, torna o debate realizado no seminário um momento ainda mais rico. “Desses momentos é possível surgir propostas de complementaridade e potencialidade das ações já existentes”, finaliza o secretário.

A difícil vida em um mundo de commodities caras - Martin Wolf – Valor Econômico – Agronegócios - 05/03/2008

Disparada nos preços das commodities, crescente inflação plena e crescimento econômico em declínio: para as pessoas cuja memória alcança os anos 1970, essa combinação traz lembranças dolorosas. A conjuntura os faz recordar os erros cometidos pelos bancos centrais que acomodaram o crescimento das expectativas inflacionárias, em vez de contê-las. A inflação foi posta finalmente de novo sob controle no início dos anos 1980. Mas os custos de permitir seu descontrole foram enormes. Estaremos cometendo os mesmos erros novamente?

Nos EUA, a inflação plena nos preços ao consumidor foi 4,3% no ano até janeiro. Na zona do euro, foi 3,1% no ano até dezembro de 2007. Nos dois casos, houve uma

discrepância - no caso dos EUA, um enorme descompasso - entre a taxa plena e o "núcleo" da inflação, que desconsidera os voláteis preços de energia e alimentos.

Se esse fosse um desvio temporário, poderíamos ignorá-lo. Mas tal desvio vem persistindo há anos, especialmente nos EUA. Um observador cínico poderia concluir que o Fed (Federal Reserve, banco central dos EUA) jogou a cautela pela janela anos atrás. Foi isso o que Arthur Burns, então presidente do Fed, fez no início da década de 1970 sob pressão de Richard Nixon, o então presidente. Será que isso esteve acontecendo novamente nos últimos anos? A pergunta certamente é justificada.

A causa imediata do surto na inflação plena é a alta mundial nos preços das commodities. Ao longo dos seis anos até fevereiro de 2008, diversos índices registraram alta - o índice amplo de commodities do Goldman Sachs (288%), o índice de preços da energia (358%), o índice de preços exclusive energia (178), o índice de metais industriais (263%) e o índice de produtos agrícolas (220%). Trata-se, portanto, de um amplo surto nos preços das commodities, ainda que após mais de duas décadas de preços inicialmente em queda e depois estagnados.

Um aumento nos preços relativos de commodities pode refletir pressões inflacionárias. Pode também causar inflação. Mas não significa, em si mesmo, inflação. Esse aumento é também exatamente o que estamos vendo. Se deflacionarmos essa alta no preços das commodities segundo o aumento no valor unitário das exportações de fabricantes de países de alta renda, obteremos os seguintes incrementos nos preços reais: 147% para todas as commodities, 192% para energia, 77% exclusive energia, 131% para metais industriais e 104% para commodities agrícolas.

Assim, o que estamos vendo é uma mudança mundial nos preços relativos, em que as commodities, especialmente energia, vêm encarecendo em relação aos preços de bens manufaturados. Se deflacionarmos o preço do petróleo bruto da mesma maneira, constataremos que está mais caro do que em qualquer momento desde 1970.

O que está por trás desses surtos nos preços das commodities? O grande motivo é o impacto das economias emergentes e, avassaladoramente, da China, responsável pela maior parte do incremento da demanda mundial por matérias-primas industriais. Entre 2000 e 2006, a China também gerou 31% do crescimento mundial da demanda por petróleo, contra apenas 20% devido à América do Norte.

O vigor da demanda nas economias emergentes não explica inteiramente a alta nos preços das commodities. A obrigatoriedade de produzir biocombustíveis também produziu um impacto sobre a demanda por algumas commodities agrícolas. Também relevantes foram as restrições à oferta: colheitas deficientes, investimentos inadequados e custos mais altos. O preço crescente da energia é, em si mesmo, uma grande razão pela qual a produção agrícola tornou-se bem mais dispendiosa. A especulação não parece ser tão importante. Caso fosse, os estoques estariam em forte alta. Mas não estão.

A obrigatoriedade de produzir biocombustíveis também produziu um forte impacto sobre a demanda de algumas commodities agrícolas

Devido à acentuada queda no valor do dólar frente ao euro, qualquer alta nos preços mundiais das commodities terá maior impacto sobre a inflação plena nos EUA do que na zona do euro e nas outras economias com moedas relativamente fortes. Não é de surpreender, portanto, que a discrepância entre a inflação plena e o núcleo da inflação tenha sido particularmente grande nos EUA.

Assim, o que significa um grande aumento nos preços relativos das commodities para a condução adequada da política monetária? Significa um aumento na inflação mensurada. Também tenderá a reduzir a produção dos setores que usam commodities, as rendas reais agregadas e a demanda real. Não sabemos quais desses efeitos predominará. Em vista dessas incertezas, é também incerta a reação acertada de política monetária. Mas as regras gerais, não.

São três essas regras: em primeiro lugar, os bancos centrais precisam lembrar a sociedade que qualquer política monetária não poderá devolver as rendas reais devorada pelo encarecimento das commodities; segundo, os bancos precisam ignorar o que parecem flutuações temporárias nos preços relativos, pois uma reação geraria instabilidade econômica desnecessária; e, por último, deveriam reagir a prolongados e continuados aumentos nos preços relativos. Se não o fizerem, serão prováveis um crescimento das expectativas inflacionárias e o prêmio de risco inflacionário nos juros.

Isso produziria efeitos reais nocivos. Significaria, inclusive, que uma política de redução agressiva dos juros de curto prazo como reação a uma crise percebida, como atualmente nos EUA, poderia ser malsucedida. Como apontou Richard Fisher, presidente do Fed regional de Dallas em um discurso pronunciado ontem em Londres: "Desde a reunião de janeiro da Comissão Federal do Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês), as taxas de mais longo prazo, inclusive as que se aplicam a financiamento a juros fixos, subiram, em vez de seguir a tendência declinante da taxa básica de juros" (<http://dallasfed.org/index.cfm>). Em tais circunstâncias, uma política monetária agressiva pode produzir efeitos fracos, até mesmo perversos, sobre a economia real.

Nos EUA, hoje, as expectativas inflacionárias estão sobre o fio da navalha. Como observei na semana passada, essas expectativas - traduzidas na relação entre títulos do Tesouro americano corrigidos pela inflação (TIPS, na sigla em inglês) e os bônus convencionais -, parecem estar bem contidas. Mas o Fed de Cleveland oferece "títulos ajustados segundo a liquidez", para investidores que desejem uma carteira de ativos mais líquidos em meio a período de tensão financeira. Nesses termos, a expectativa inflacionária está em disparada. A posição do Fed está agora desconfortável. É errônea a suposição de que o banco central americano pode reduzir os juros sem temer as conseqüências.

Se os bancos centrais estão confiantes em que os preços das commodities agora vão parar de subir, ou, mesmo, que cairão, baixarão os juros em reação a quaisquer perspectivas de grave desaquecimento econômico. Mas, tendo em vista o continuado rápido crescimento das economias emergentes, os BCs não podem ter certeza disso. E ainda pior: o próprio núcleo da inflação parece já em tendência ascendente.

Meu palpite é que a política acertada está entre a praticada pelo Fed - fazer todo o possível para eliminar os riscos adversos -, e a do Banco Central Europeu (BCE) - de suprema inação. Mas não sabemos. A razão para isso é clara: pela primeira vez em um quarto de século, o cenário da política monetária tornou-se difícil. Mas de uma coisa estou certo: os bancos centrais responsáveis não correrão o risco de uma volta aos anos 1970.

Alimentos ajudam e inflação cai para 0,19% - Francisco Carlos de Assis – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 06/03/2008

A inflação de 0,19% em fevereiro na cidade de São Paulo, apurada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), é a menor desde outubro do ano passado, quando o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) subiu 0,08%.

A média dos reajustes dos preços de produtos e serviços na capital paulista ficou dentro das expectativas dos analistas consultados pela AE Projeções - de 0,08% a 0,22%. Mas ficou acima da estimativa do coordenador da Pesquisa de Preços da Fipe, Márcio Nakane, que na semana passada havia revisado a previsão de 0,25% para 0,16%. Para março, Nakane prevê 0,13%, e para o ano está mantida a estimativa de 4%.

Para um mês de fevereiro, a inflação se consagrou também como a mais baixa desde a variação negativa de 0,03% no segundo mês de 2006. Em fevereiro do ano passado, o IPC-Fipe fechou em alta de 0,33% e neste ano em 0,19%. Na comparação com janeiro deste ano, quando a inflação do paulistano foi de 0,52%, verifica-se uma desaceleração de 0,33%.

A maior contribuição para essa significativa desaceleração no ritmo de alta dos preços no mês passado veio do grupo Alimentação. A taxa média de aumento saiu de 1,04% em janeiro para uma deflação de 0,15% em fevereiro. É a menor taxa apurada pela Fipe para o grupo desde a queda de 0,13% em abril de 2007. Os produtos que mais pressionaram as despesas com alimentação desde meados do ano passado ou estão em queda ou subindo bem menos do que em pesquisas anteriores.

Entre as quedas, destaque para as carnes bovinas (1,61%) e suínas (2,42%), além do frango (5,55%). Os alimentos in natura, que pressionaram forte a inflação no início do ano, quando as hortas sofrem com as fortes chuvas de um lado e o calor excessivo do outro, caíram 2,19% em fevereiro. Some-se aí as quedas de 2,17% e 0,20% nos preços do litro de álcool combustível e da gasolina, respectivamente, além da redução de 3,38% nos pacotes de viagens e excursões.

Como acontece em todo começo de ano, na ponta de alta estão algumas tarifas públicas. A energia elétrica, que até na terceira quadrissemana de fevereiro mostrava queda superior a 1% do IPC-Fipe, subiu 0,09% no fechamento do mês. O IPTU atingiu seu pico, com alta de 6,66%, e no transporte coletivo os bilhetes de integração do metrô com trens e ônibus subiram 3,06%, seguidos pelo bilhete simples, com 2,98%.

Alimentos caem e deixam inflação perto do zero - Alessandra Saraiva e Marcelo Rehder
– Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 11/03/2008

Em fevereiro, Índice de Custo de Vida na cidade de São Paulo teve deflação de 0,03%, IPC ficou em zero e IGP-DI só aumentou 0,38%

A desaceleração nos preços dos alimentos no atacado e no varejo deverá fazer a inflação fechar o primeiro trimestre em situação relativamente tranqüila. Dois índices

divulgados ontem reforçam essa tendência. O Índice do Custo de Vida (ICV), apurado na cidade de São Paulo pelo Dieese, teve deflação de 0,03% em fevereiro. A taxa ficou 0,91 ponto porcentual abaixo da de janeiro (0,88%).

O Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) perdeu força e subiu só 0,38% no mês passado, ante alta de 0,99% em janeiro. Foi o menor resultado em sete meses do indicador, que deve continuar desacelerando, segundo informou ontem a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC), com peso de 30% na ponderação do IGP-DI, apresentou desaceleração mais intensa: os preços saíram de uma alta de 0,97% para variação zero, no mesmo período. Isso porque os preços dos alimentos apresentaram variação negativa de 0,38% em fevereiro, ante alta de 2,10% em janeiro.

A boa oferta de produtos agrícolas, com o começo de safra, causou queda de preços tanto no atacado quanto no varejo, com destaque para o tomate. “Esse item foi responsável por quase um terço da desaceleração do IGP-DI”, disse o coordenador de Análises Econômicas da FGV, Salomão Quadros.

O preço do tomate despencou tanto no atacado - de 52,80% para 18,73% negativos - quanto no varejo (de 40,67% para 11,33% negativos). “Esse comportamento foi sazonal. Normalmente, no início do ano, sobe muito. Mas em janeiro de 2008 subiu muito mais que o de costume”, disse.

Ele comentou que o primeiro mês deste ano foi muito afetado por estiagens, com impacto maior nas lavouras de período curto, como é o caso do tomate. A oferta começou a se regularizar em fevereiro, reduzindo os preços do produto.

Puxados pelo tomate, os preços dos produtos agropecuários no atacado caíram 0,19% em fevereiro, após subirem 1,6% em janeiro. Isso fez com que a inflação do setor atacadista diminuísse pela metade (de 1,08% para 0,52%) de janeiro para fevereiro.

IPCA - Segundo o Dieese, a queda no custo de vida do paulistano em fevereiro reflete a redução nos gastos com vestuário (0,9%), transporte (0,32%), despesas pessoais (0,14%) e alimentação (0,02%). As pressões de alta vieram principalmente dos gastos com saúde, com 0,22%.

“De um modo geral, os aumentos dos grupos e subgrupos que compõem o índice apontaram variações pequenas, o que mostra que os preços não foram contaminados pela alta da inflação no fim de 2007”, disse Cornélia Nogueira Porto, coordenadora da pesquisa do ICV. Para ela, a taxa de março deverá ficar ao redor de zero.

Pelos cálculos da consultoria MB Associados, a inflação oficial de fevereiro medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que será divulgada hoje pelo IBGE, deverá ser de 0,38%. Em janeiro, a taxa foi de 0,54%. Para março, a projeção é de um

IPCA de 0,30%. “Isso tudo ajudado pelo arrefecimento dos preços da alimentação”, disse Sérgio Vale, economista-chefe da MB.

Mesmo com o recuo no resultado mensal, a taxa acumulada do IGP-DI ainda está muito elevada, refletindo a escalada da inflação no segundo semestre de 2007, puxada exatamente pelos preços dos alimentos. Em 12 meses até fevereiro, o índice subiu 8,65%, a mais forte taxa desde abril de 2005, quando acumulou aumento de 10,22%.

Calor pode deixar comida menos nutritiva – O Globo – Ciência – 11/03/2008

Dentre os impactos previstos do aquecimento global está a perda de safras em função de mudanças de regime de chuvas. Mas uma série de estudos indicou que esse não é o único problema. O aumento da temperatura pode afetar o valor nutritivo de uma série de plantas. Uma análise de 40 estudos sobre a elevação da concentração do dióxido de carbono na atmosfera indicou que as plantas produziram menos proteína.

A análise, realizada pela Universidade do Sudoeste (Texas, EUA), apontou que o nível de proteínas do trigo, do arroz, das batatas e da cevada cairia 15%. Isso porque quando as plantas absorvem mais CO₂, passam a produzir mais carboidratos em detrimento das proteínas. Se isso se confirmar, pode ter efeitos catastróficos para os países pobres, cuja população tem nos vegetais sua principal fonte de proteína.

Incra/AP e Conab discutem PAA em assentamentos – Sítio Eletrônico do MDA – 12/03/2008

Técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária no Amapá (Incra/AP) reúnem-se na sexta-feira (14), às 9h, no auditório desta autarquia federal, com especialistas da superintendência da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) do Amapá/Pará. Durante a reunião, será discutido o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura familiar (PAA) nos 38 assentamentos do amapaenses. Participam do encontro, representantes da Delegacia Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário no estado (MDA/AP), do Instituto de Desenvolvimento Rural do Amapá (Rurap) e lideranças de assentamentos.

Segundo o delegado do MDA/AP, Dalberto Oliveira, já estão disponíveis R\$ 228 mil do Programa Territórios da Cidadania para a aquisição de alimentos no território do Sul do Amapá, que engloba Laranjal do Jarí, Mazagão e Vitória do Jarí. Para os outros assentamentos, a Conab vai entrar com recursos próprios.

Para o delegado, a aquisição antecipada da produção das famílias assentadas fortalece o programa da reforma agrária nos assentamentos. “Farinha, feijão, milho, açaí, peixe, castanha e os subprodutos da castanha, terão agora a comercialização garantida, pois

a Conab adquire essa produção e encarrega-se de distribuir a comunidades filantrópicas cadastradas pela companhia”, explica Oliveira.

A Conab tem como missão contribuir para a regularidade do abastecimento e garantia de renda ao produtor rural, participando da formulação e execução das políticas agrícola e de abastecimento.

Racionamento à vista – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 12/03/2008

O secretário-geral da ONU, Ban Kimoon, disse estar "profundamente" preocupado com a inflação nos alimentos. Em entrevista à BBC ele disse que o cenário atual pode levar a racionamentos do Programa Mundial de Alimentos. Cerca de 73 milhões de pessoas são alimentadas pelo programa.

Iogurtes, sucos, cremes. É a nova 'cesta básica' - Vera Dantas – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/03/2008

Vendas de produtos mais elaborados cresceram até 30% em 2007, principalmente, por causa da baixa renda

A lista de compras de alimentos e de produtos de beleza e higiene das famílias brasileiras está cada vez mais diversificada. O consumo de produtos de maior valor vem crescendo, puxado principalmente pela baixa renda.

Iogurtes, bebidas à base de soja, sobremesas prontas, sucos, cremes e loções, entre outros itens que fogem da despesa básica, tiveram crescimento expressivo no varejo no ano passado e mantêm o ritmo nesse início de 2008.

“Enquanto alimentos de largo consumo cresceram em torno de 10% no ano passado em relação a 2006, a venda de iogurtes subiu 30% na rede”, compara o diretor do Carrefour, Karim Nabi.

Uma pesquisa da LatinPanel que acompanha o comportamento de compra nos lares brasileiros em 67 categorias mostra esse crescimento de gastos com produtos mais elaborados em 2007. “O aumento das despesas ocorreu pelo reajuste de preços em alguns casos, mas também porque as famílias passaram a comprar maior quantidade ou com mais frequência determinados produtos”, diz a gerente de Atendimento ao Varejo da LatinPanel, Fátima Merlin.

O aumento da renda média do consumidor, em torno de 5%, o crescimento do emprego e sobretudo a maior oferta de crédito no mercado deram fôlego para o avanço de produtos considerados supérfluos, isto é, fora da cesta básica.

Os gastos com iogurte, por exemplo, aumentaram 32% e o volume médio de compra subiu 27%. “Em 2006, o consumo médio de vários produtos mais elaborados estava em queda, caso de iogurtes, leite fermentado e bebidas à base de soja, com perda em torno de 10%”, diz Merlin. Em 2007, as donas de casa gastaram 27% mais com bebidas à base de soja, 21% com leite fermentado e 20% com sobremesas prontas.

Nos carrinhos de supermercado o espaço ocupado pelos itens de beleza também cresceu. Os gastos com cremes e loções subiram 12% e com colônias, 5%.

GASTO MAIOR - O tíquete médio de desembolso no ponto-de-venda subiu de R\$ 9,62 em 2006 para R\$ 10,51 no ano passado, mostra a pesquisa da LatinPanel. O gasto médio das famílias aumentou 4% na comparação com o ano anterior.

O consumo da baixa renda se destaca no levantamento. Em sobremesas prontas, por exemplo, enquanto o volume médio de compras das famílias cresceu 10%, apenas nos lares das classes D/E ele aumentou 40%. Nas bebidas à base de soja, as famílias de menor poder aquisitivo ampliaram em 27% o volume de compras em relação ao ano anterior. Já nas classes A e B o crescimento do consumo foi de 14%.

No Carrefour, nas lojas em regiões onde predomina o público C e D, as vendas de cremes e loções tiveram crescimento acima de 20% em relação ao ano anterior. Na média geral da rede, as vendas desses produtos subiram 15%. “Além do crescimento do consumo há uma variedade maior. Há quatro anos tínhamos uma ou duas marcas de bebidas à base de soja nas gôndolas. Hoje, são quase 10”, diz Nabi, do Carrefour.

'A situação financeira lá em casa melhorou' - Iogurtes, leites aromatizados, sucos, pratos prontos congelados, além de cremes hidratantes e produtos para o cabelo entraram, no último ano, na lista de consumo da professora de educação física Natália Teles do Carmo. Com um filho de dois anos, ela se preocupa com o consumo de produtos saudáveis, mas também dá valor a tudo que facilite seu dia-a-dia. “Alimentos prontos, por exemplo, como massas congeladas e sobremesas, são muito práticos. Mesmo que custem um pouco mais caro do que o feito em casa, vale a pena”, diz. No Wal-Mart, por exemplo, as vendas de sobremesas congeladas estão 30% acima das de 2007.

Natália justifica também o aumento de consumo de alimentos e produtos de beleza pelo incremento de renda do marido, que é bancário. “Estou comprando mais porque a situação financeira lá em casa melhorou”, diz.

O presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Martinho Paiva Moreira, pondera que nos lares das classes C/D/E o poder de decisão de compra está nas mãos da mulher que tem uma grande preocupação com o bem estar da família. “Ela está atenta a todos os lançamentos e é sensível ao apelo dos produtos saudáveis como a consumidora de maior poder aquisitivo”, diz.

No início de 2008 o consumo das famílias se manteve aquecido. Em janeiro comparado com o mesmo mês em 2007, o volume de compras de leites aromatizados, por exemplo, foi 26% maior, de cremes e loções 22% e o de amaciantes 18%.

Os números da Associação Brasileira de Supermercados (Abras) revelam também o crescimento de vários produtos que podem ser chamados de supérfluos. As vendas de sorvetes em 2007 na comparação com o ano anterior cresceram 20,4%, os produtos isotônicos 20,1% e os chás líquidos 15,1%.

O casal de comerciantes Wesley Ortiz de Carvalho e Carolina Franco Paré, além de trocar de carro no ano passado, aumentou o volume de compras em casa. “A fatura mensal do meu cartão de crédito ficou em média em torno de R\$ 1 mil por mês. No ano anterior minhas despesas eram menores e o limite do meu cartão mais baixo”, diz Wesley.

O Gol 87 foi trocado por um Ômega 95 e a diferença, acertada à vista. Mas foi no consumo do dia a dia, principalmente no supermercado, que Wesley e Carolina incrementaram os gastos. “É claro que o parcelamento no cartão facilitou. Mas a renda também está melhor”, diz Carolina. O casal trabalha numa rede de lojas de surfwear e foi beneficiado pelo aumento das vendas. Os gastos com vestuário das famílias, segundo a LatinPanel, cresceram 11% em 2007 ante 2006. “Compramos mais alimentos nos supermercados, fomos a restaurantes e viajamos várias vezes para o litoral e interior”, diz Wesley.

Iogurtes, sucos, cremes. É a nova 'cesta básica' - Vera Dantas – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/03/2008

Vendas de produtos mais elaborados cresceram até 30% em 2007, principalmente, por causa da baixa renda

A lista de compras de alimentos e de produtos de beleza e higiene das famílias brasileiras está cada vez mais diversificada. O consumo de produtos de maior valor vem crescendo, puxado principalmente pela baixa renda. Iogurtes, bebidas à base de soja, sobremesas prontas, sucos, cremes e loções, entre outros itens que fogem da despesa básica, tiveram crescimento expressivo no varejo no ano passado e mantêm o ritmo nesse início de 2008. “Enquanto alimentos de longo consumo cresceram em torno de 10% no ano passado em relação a 2006, a venda de iogurtes subiu 30% na rede”, compara o diretor do Carrefour, Karim Nabi.

Uma pesquisa da LatinPanel que acompanha o comportamento de compra nos lares brasileiros em 67 categorias mostra esse crescimento de gastos com produtos mais elaborados em 2007. “O aumento das despesas ocorreu pelo reajuste de preços em alguns casos, mas também porque as famílias passaram a comprar maior quantidade ou com mais frequência determinados produtos”, diz a gerente de Atendimento ao Varejo da LatinPanel, Fátima Merlin.

O aumento da renda média do consumidor, em torno de 5%, o crescimento do emprego e sobretudo a maior oferta de crédito no mercado deram fôlego para o avanço de produtos considerados supérfluos, isto é, fora da cesta básica.

Os gastos com iogurte, por exemplo, aumentaram 32% e o volume médio de compra subiu 27%. “Em 2006, o consumo médio de vários produtos mais elaborados estava em queda, caso de iogurtes, leite fermentado e bebidas à base de soja, com perda em torno de 10%”, diz Merlin. Em 2007, as donas de casa gastaram 27% mais com bebidas à base de soja, 21% com leite fermentado e 20% com sobremesas prontas.

Nos carrinhos de supermercado o espaço ocupado pelos itens de beleza também cresceu. Os gastos com cremes e loções subiram 12% e com colônias, 5%.

GASTO MAIOR - O tíquete médio de desembolso no ponto-de-venda subiu de R\$ 9,62 em 2006 para R\$ 10,51 no ano passado, mostra a pesquisa da LatinPanel. O gasto médio das famílias aumentou 4% na comparação com o ano anterior.

O consumo da baixa renda se destaca no levantamento. Em sobremesas prontas, por exemplo, enquanto o volume médio de compras das famílias cresceu 10%, apenas nos lares das classes D/E ele aumentou 40%. Nas bebidas à base de soja, as famílias de menor poder aquisitivo ampliaram em 27% o volume de compras em relação ao ano anterior. Já nas classes A e B o crescimento do consumo foi de 14%.

No Carrefour, nas lojas em regiões onde predomina o público C e D, as vendas de cremes e loções tiveram crescimento acima de 20% em relação ao ano anterior. Na média geral da rede, as vendas desses produtos subiram 15%. “Além do crescimento do consumo há uma variedade maior. Há quatro anos tínhamos uma ou duas marcas de bebidas à base de soja nas gôndolas. Hoje, são quase 10”, diz Nabi, do Carrefour.

'A situação financeira lá em casa melhorou' - Iogurtes, leites aromatizados, sucos, pratos prontos congelados, além de cremes hidratantes e produtos para o cabelo entraram, no último ano, na lista de consumo da professora de educação física Natália Teles do Carmo. Com um filho de dois anos, ela se preocupa com o consumo de produtos saudáveis, mas também dá valor a tudo que facilite seu dia-a-dia. “Alimentos prontos, por exemplo, como massas congeladas e sobremesas, são muito práticos. Mesmo que custem um pouco mais caro do que o feito em casa, vale a pena”, diz. No Wal-Mart, por exemplo, as vendas de sobremesas congeladas estão 30% acima das de 2007.

Natália justifica também o aumento de consumo de alimentos e produtos de beleza pelo incremento de renda do marido, que é bancário. “Estou comprando mais porque a situação financeira lá em casa melhorou”, diz.

O presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Martinho Paiva Moreira, pondera que nos lares das classes C/D/E o poder de decisão de compra está nas mãos da mulher que tem uma grande preocupação com o bem estar da família. “Ela está atenta a todos os lançamentos e é sensível ao apelo dos produtos saudáveis como a consumidora de maior poder aquisitivo”, diz.

No início de 2008 o consumo das famílias se manteve aquecido. Em janeiro comparado com o mesmo mês em 2007, o volume de compras de leites aromatizados, por exemplo, foi 26% maior, de cremes e loções 22% e o de amaciantes 18%.

Os números da Associação Brasileira de Supermercados (Abras) revelam também o crescimento de vários produtos que podem ser chamados de supérfluos. As vendas de sorvetes em 2007 na comparação com o ano anterior cresceram 20,4%, os produtos isotônicos 20,1% e os chás líquidos 15,1%.

O casal de comerciantes Wesley Ortiz de Carvalho e Carolina Franco Paré, além de trocar de carro no ano passado, aumentou o volume de compras em casa. “A fatura mensal do meu cartão de crédito ficou em média em torno de R\$ 1 mil por mês. No ano anterior minhas despesas eram menores e o limite do meu cartão mais baixo”, diz Wesley.

O Gol 87 foi trocado por um Ômega 95 e a diferença, acertada à vista. Mas foi no consumo do dia a dia, principalmente no supermercado, que Wesley e Carolina incrementaram os gastos. “É claro que o parcelamento no cartão facilitou. Mas a renda também está melhor”, diz Carolina. O casal trabalha numa rede de lojas de surfwear e foi beneficiado pelo aumento das vendas. Os gastos com vestuário das famílias, segundo a LatinPanel, cresceram 11% em 2007 ante 2006. “Compramos mais alimentos nos supermercados, fomos a restaurantes e viajamos várias vezes para o litoral e interior”, diz Wesley.

A nova cara da fome no mundo - Ban Ki-moon – Valor Econômico – Opinião - 20/03/2008

O preço dos alimentos está subindo. A fome e a desnutrição estão aumentando. Estão em risco milhões de pessoas que figuram entre as mais vulneráveis do planeta, pelo que é necessária uma resposta eficaz e urgente.

O primeiro dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), fixados pelos dirigentes do mundo na Cúpula da ONU, em 2000, visa reduzir pela metade, até 2015, a proporção de pessoas com fome. Isto constituía um enorme desafio, sobretudo na África, onde muitos países foram ficando para trás, mas enfrentamos agora uma perfeita tempestade de novos desafios.

O preço dos alimentos básicos - trigo, milho, arroz - atingiu níveis sem precedentes, tendo chegado a aumentar 50% ou mais nos últimos seis meses. As reservas alimentares mundiais encontram-se nos níveis mais baixos, em termos históricos. As causas vão desde o aumento da procura em grandes economias como a Índia e a China a fenômenos ligados às mudanças climáticas, como furacões, cheias e secas que destruíram colheitas em muitas partes do mundo. Os elevados preços do petróleo aumentaram o custo do transporte dos produtos alimentares e da compra de fertilizantes. Alguns peritos dizem que o aumento dos biocombustíveis reduziu a quantidade de alimentos disponíveis para os seres humanos.

Os efeitos são bastante visíveis. Em alguns países, como na África ocidental até o sul da Ásia, surgiram tumultos causados pela falta de alimentos. As comunidades que vivem em países que precisam importar alimentos para dar de comer a populações famintas se revoltam em protesto contra o custo de vida elevado. As democracias frágeis sentem a pressão da insegurança alimentar. Muitos governos impuseram proibições de exportações e

controles de preços dos produtos alimentares, provocando distorções nos mercados e criando problemas ao comércio.

Em janeiro, para citar apenas um exemplo, o presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, lançou um apelo no montante de 77 milhões de dólares para ajudar a fornecer alimentos a mais de 2,5 milhões de pessoas que se encontram numa situação desesperada devido ao aumento dos preços. Ao fazê-lo, chamou a atenção para um fato alarmante: no Afeganistão, uma família média gasta agora 45% do seu rendimento em comida, em comparação com 11% em 2006.

É este o novo rosto da fome, que afeta cada vez mais comunidades. E, como é inevitável, é o bilhão de pessoas mais carentes, as que vivem com um dólar ou menos por dia, que são mais duramente afetados.

Famílias que antes podiam pagar por uma dieta nutritiva viram-se obrigadas a comer apenas um alimento básico e a reduzir o número de refeições por dia

Quando as pessoas são assim pobres e a inflação provoca a erosão dos seus magros rendimentos, em geral fazem uma das duas coisas: ou compram menos alimentos ou compram alimentos mais baratos e menos nutritivos. O resultado final é o mesmo: mais fome e menos oportunidades de um futuro com saúde. Segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA) das Nações Unidas, famílias que antes podiam pagar uma dieta variada e nutritiva viram-se obrigadas a comer apenas um alimento básico e a reduzir o número de refeições de três para duas ou uma por dia.

Os peritos pensam que os elevados preços dos produtos alimentares vieram para ficar. Apesar disso, dispomos das ferramentas e da tecnologia necessárias para vencer a fome e alcançar os ODM. Sabemos o que devemos fazer. Do que precisamos é de vontade política e de recursos, utilizados de uma maneira eficaz.

Em primeiro lugar, temos de satisfazer as necessidades humanitárias urgentes. Este ano, o PMA pretende alimentar 73 milhões de pessoas, incluindo nada menos do que três milhões por dia em Darfur. Mas, para fazer isso, precisa de mais 500 milhões dólares só para cobrir a subida dos preços dos produtos alimentares. Note que 80% das aquisições deste organismo são feitas no mundo em desenvolvimento.

Por outro lado temos de reforçar os programas da ONU que visam ajudar os países em desenvolvimento a fazer face à fome. Isto deve incluir o apoio a programas de redes de segurança que proporcionem proteção social, para responder a necessidades urgentes, e esforços simultâneos no sentido de encontrar soluções de mais longo prazo. Também temos de criar sistemas de alerta precoce para reduzir o impacto das catástrofes. A alimentação escolar, que custa menos de 25 centavos de dólar por dia, pode ser uma ferramenta particularmente eficaz.

Em terceiro lugar, temos de enfrentar o impacto crescente dos choques climáticos na agricultura local, bem como as consequências a longo prazo das mudanças climáticas - por exemplo, construindo sistemas de defesa contra secas e cheias que possam ajudar as comunidades que sofrem de insegurança alimentar, a fazer face ao problema e a se adaptar. Por último, devemos impulsionar a produção agrícola e a eficiência do mercado.

Cerca de um terço dos casos de escassez de alimentos poderiam, em grande parte, ser atenuados, melhorando as redes locais de distribuição de produtos agrícolas e ajudando a melhorar a ligação dos pequenos agricultores aos mercados. Entretanto, os organismos da ONU, como a FAO e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida), estão

trabalhando com a União Africana e outras entidades para promover uma "revolução verde" na África, introduzindo ciências e tecnologias vitais que proporcionem soluções permanentes para a fome. Mas isso será no futuro. Agora, temos de ajudar as pessoas afetadas pela fome, e isso significa, para começar, reconhecer a urgência da crise e agir.

***Ban Ki-moon é Secretário-Geral da ONU.**

Agrocombustível ameaça segurança alimentar – Sítio Eletrônico do MST – 24/03/2008

Relatório publicado dia 20/3 pela FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) adverte que a produção de agrocombustíveis, que têm como matéria prima culturas agrícolas fundamentalmente voltadas para a alimentação, como por exemplo o milho, impõe riscos à segurança alimentar na América Latina.

A publicação reafirma a problemática levantada há muito tempo por diversos movimentos sociais do campo e outras organizações, apontando que a cega e desenfreada investida neste tipo de produção ocasionará mudanças na demanda das matérias primas utilizadas, no comércio exterior e na alocação de insumos produtivos, processo que, por fim, ocasionará um aumento nos preços dos cultivos tradicionais, colocando em risco o acesso das populações, especialmente das mais pobres, aos alimentos.

Recentemente o governo federal brasileiro aprovou a comercialização de grãos de milho transgênico que serão direcionados, dentre outras finalidades, para a produção de agrocombustível. Já estuda-se também a liberação de espécies de arroz transgênico que deverão ter o mesmo fim.

O tema levantado pelo relatório será debatido na 30ª Conferência Regional da FAO, entre 14 e 18 de abril em Brasília, confirmou José Graziano da Silva, representante regional da FAO, em um encontro com os correspondentes estrangeiros.

ONU alerta para falta de alimentos - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/03/2008

O aumento nos preços de alimentos em todo o mundo está abrindo um buraco nas contas das Nações Unidas (ONU). A entidade decretou ontem “emergência global” e teme um aumento da fome no mundo. A inflação atingiu em cheio a organização que, por ano, precisa distribuir alimentos para os quatro cantos do mundo.

Com um déficit em suas contas, em razão da alta nos preços do milho, do trigo, da soja e do leite, a ONU enviou uma carta a todos os governos pedindo ajuda. Na região, Cuba e Haiti podem ser os países mais afetados pelo aumento da fome.

Assinada pelo Programa Mundial de Alimentos (PMA), a carta deixa claro: a inflação nos preços de comida está a causar o aumento no número de famintos no planeta, que já chegam a 854 milhões. “Para o Programa Mundial de Alimentos, uma organização

que depende de contribuições voluntárias, o impacto dos preços de alimentos, além dos combustíveis, representa nada menos que uma emergência global', diz a entidade.

A agência cita quatro motivos para o aumento nos preços. O primeiro é o aumento nos custos de energia e no valor do barril do petróleo. Outro problema seria a maior demanda por alimentos em países emergentes, como a China, além do maior número de casos de seca por causa de eventos climáticos, destruindo plantações em várias partes do mundo.

A avaliação da entidade é de que a disputa entre biocombustíveis e alimentos por terras, principalmente nos Estados Unidos, tem contribuído para a inflação.

Em média, os preços de alimentos básicos aumentaram em 40% desde junho de 2007, segundo a agência. Só no Afeganistão, onde a ONU distribui alimentos para 2,5 milhões, a alta de 70% no preço do trigo promete causar problemas sociais.

Na América Central, a alta de 100% nos preços do milho afetou toda a economia de alguns países. Em El Salvador, a agência aponta que o valor nutricional dos alimentos ingeridos pela população caiu em 60% desde 2006.

Para tentar lidar com a crise, a agência da ONU pede para que doadores incrementem as suas ajudas. Segundo a entidade, esse aumento de dinheiro não servirá para atender a novas pessoas ou eventuais crises específicas que surjam durante o ano. O objetivo é apenas conseguir distribuir alimentos para o mesmo número de pessoas que receberam em 2007.

A previsão original era de que a agência necessitaria para 2008 US\$ 2,9 bilhões para comprar alimentos e distribuí-los. Desde que o cálculo foi feito, porém, vários dos itens fundamentais nas compras da ONU aumentaram. O resultado foi um buraco de US\$ 500 milhões que a entidade agora precisa tapar.

A nova projeção é de que custará US\$ 3,4 bilhões para alimentar 73 milhões de pessoas em 78 países mais pobres. Isso se os preços dos alimentos não aumentarem ainda mais nos próximos meses. "Os atuais preços de alimentos significam que as populações mais pobres do mundo terão de gastar uma proporção maior de sua renda em alimentos. Isso pode querer dizer que vão comprar menos alimentos ou alimentos com menor valor nutricional. Ou que vão depender de ajuda para conseguir se alimentar", alertou a ONU.

Pelas projeções da agência internacional, 15 países estão em uma situação particularmente difícil se os preços das commodities não retroceder. Na América Latina, os problemas podem surgir no Haiti e em Cuba. Não por acaso, o ex-líder Fidel Castro tem intensificado seus ataques contra os subsídios americanos para a produção de etanol a partir de milho. Na África, os mais afetados serão o Zimbábue, a Eritreia, Djibuti, Gâmbia, Togo, Chade, Benin, Níger, Camarões e Senegal. Tadjiquistão e Iêmen também sofrerão.

Etanol de milho pode causar fome mundial, diz Nestlé - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/03/2008

O presidente da Nestlé, Peter Brabeck, ataca os subsídios dos países ricos ao etanol e alerta que a produção de biocombustíveis a partir de milho pode causar fome no mundo. 'Se quisermos cobrir o crescimento de 20% na demanda por produtos petrolíferos por biocombustível, nos próximos anos não haverá mais o que comer', alertou Brabeck em uma entrevista publicada no jornal suíço 'NZZ'.

O executivo já vinha alertando para os riscos do consumo de água usada na produção dos biocombustíveis. Agora, Brabeck ataca os subsídios americanos. 'Dar enormes subsídios para a produção (de etanol) é inaceitável moralmente e irresponsável', afirmou.

Segundo ele, a produção acelerada de etanol a partir de milho vai provocar uma concorrência cada vez maior pela terra e, nessa disputa, a produção de alimentos deve perder. Para ele, o volume de milho que for utilizado para o combustível acabará faltando na mesa dos consumidores em todo o mundo. Na semana passada, a Nestlé culpou o etanol e as commodities por sua decisão de aumentar os preços de seus produtos.

IPCA-15 recua com pressão menor de alimentos e escolas - Jacqueline Farid, Francisco Carlos de Assis e Flávio Leonel – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 27/03/2008

O arrefecimento da pressão dos grupos de educação e alimentos levou a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor-15 (IPCA-15) a recuar para 0,23% em março, quase três vezes menos que a alta de 0,64% em fevereiro. O resultado veio um pouco abaixo da média das projeções de analistas do mercado (0,27%).

O IPCA-15 é uma espécie de prévia do IPCA, índice oficial que é referência para as metas de inflação do governo. Os dois indicadores são calculados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), diferenciando-se apenas no período de coleta. No primeiro trimestre, o IPCA-15 acumulou alta de 1,58% e em 12 meses, de 4,55%. Os técnicos do instituto não dão entrevista sobre essa pesquisa.

Marcela Prada, economista da Tendências Consultoria, avalia que o resultado do IPCA-15 “mostra um comportamento favorável dos preços em geral, em linha com o cenário de inflação próxima à meta”. O Banco Central (BC) definiu meta de inflação de 4,5% para 2008. Segundo Marcela, os dados do IBGE divulgados ontem “mostram que não há, por enquanto, pressões excessivas de demanda na inflação”. Ela mantém projeção de IPCA de 4,6% este ano, dentro do intervalo permitido pelo BC.

A forte desaceleração no ritmo de alta do grupo educação foi o principal motivo para o recuo do IPCA-15 de fevereiro para março, segundo o IBGE. No mês passado, a alta havia atingido 3,61%, por causa das mensalidades escolares. No caso dos alimentos, que também exerceram forte pressão em fevereiro, a taxa caiu de 1,13% para 0,40% em março. Os resultados do IPCA fechado de março serão apresentados no dia 9 de abril. ABORARAM

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

oppa Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

